

**La Messe sur le Monde**

INTRODUÇÃO

Esta meditação foi inspirada ao padre Teilhard pela impossibilidade em que se achou, em pleno deserto dos Ordos, no decorrer de uma expedição científica, de celebrar a missa. Era, ao que parece, o dia da Transfiguração<sup>1</sup>, festa que lhe era particularmente querida. Pôs-se então a reflectir sobre a irradiação da Presença Eucarística no Universo. Não confundia, sem dúvida, esta presença, fruto da transubstanciação propriamente dita, com a presença universal do Verbo. A sua fé no mistério eucarístico não era apenas ardente: era tão precisa como firme. Mas, justamente, era uma fé forte e realista o bastante para o levar à descoberta das suas consequências ou, como ele dizia, dos seus «prolongamentos» e das suas extensões. Num tempo em que o individualismo habitualmente mascarava ainda a este respeito o ensino total da tradição católica, o padre Teilhard escrevia — e estávamos no ano em que foi redigida *A Missa no Altar do Mundo*:

«Quando Cristo desce sacramentalmente entrando em cada um dos seus fiéis, não é apenas para conversar com ele [...] quando diz, por meio do sacerdote: *Hoc est corpus meum*; estas palavras transbordam o pedaço de pão sobre o qual são pronunciadas: fazem nascer o Corpo Místico na sua completude. Para lá da Hóstia transubstanciada, a operação sacerdotal estende-se ao próprio Cosmos. [...] A Matéria inteira sofre, lenta e irresistivelmente, a grande Consagração.»

Já em 1917, em *O Sacerdote*, o padre Teilhard escrevia:

«Quando Cristo, prolongando o movimento da sua Encarnação, desce ao interior do pão para o substituir, a Sua acção não se limita à partícula material que a Sua Presença, por um instante, vem volatilizar. Mas a transubstanciação aureola-se de uma divinização real, embora atenuada, de todo o Universo. Do elemento cósmico em que se inseriu, o Verbo age para subjugar e assimilar a Si tudo o mais.»

Vemos nestes textos que o mistério eucarístico era não só afirmado na sua substância precisa, como se distinguia perfeitamente dos efeitos segundos nos quais a sua fecundidade se manifesta: crescimento do Corpo Místico, Consagração do Cosmos. Textos assim são testemunhos de uma plenitude de fé na qual se manifesta o autêntico paulinismo profundo do padre Teilhard. O sacerdote «mostra-se aqui empenhado, antes do mais, em conferir à sua Missa quotidiana *uma função cósmica e dimensões planetárias*. [...] É óbvio que isto, no seu pensamento, vem simplesmente acrescentar-se ao sentido teológico mais ortodoxo da Sagrada Eucaristia» (Nicolas Corte, *La Vie et l'âme de Teilhard de Chardin*, Paris, Fayard, 1957, p. 61).

Um ano depois de ter escrito *A Missa no Altar do Mundo*, em *O Meu Universo*, o padre Teilhard precisava ainda: «Para se interpretar dignamente o lugar fundamental que a Eucaristia ocupa na economia do Mundo [...], penso ser necessário dar-se um grande lugar, na oração e no pensamento cristãos, às extensões reais e físicas da Presença Eucarística [...].

Do mesmo modo que chamamos apropriadamente «nosso corpo» ao centro local da nossa irradiação espiritual [...], deve dizer-se que o Corpo inicial, o Corpo primário de Cristo, se limita às espécies do pão e do vinho. Mas [...] a Hóstia é como um núcleo ardente a partir do qual a sua chama irradia e se difunde [...].»

N. M. WILDIERS Doutor em Teologia.

---

<sup>1</sup> O padre Teilhard não podia ter escrito *A Missa no Altar do Mundo* na Páscoa de 1923, como referiram alguns seus amigos de Pequim, uma vez que só chegou aos Ordos em Agosto do mesmo ano. Deve ter havido uma confusão entre as duas festas da Glória de Cristo. Em diferentes ocasiões, o padre Teilhard exprimiu a sua atracção espiritual pela festa da Transfiguração (N. D. E.).

## A OFERENDA

Visto que, uma vez mais, Senhor, já não nas florestas do Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho nem pão, nem vinho, nem altar, elevar-me-ei acima dos símbolos até à pura majestade do real, e oferecer-vos-ei, eu, Vosso sacerdote, no altar da Terra inteira, o trabalho e a dor do Mundo.

O sol acaba de iluminar, ao longe, a franja extrema do primeiro Oriente. Uma vez mais, sob o pano movente dos seus lumes, a superfície viva da terra desperta, estremece, e recomeça o seu labor tremendo. Colocarei na minha patena, ó meu Deus, a colheita esperada deste novo esforço. Derramarei no meu cálice a seiva de todos os frutos que serão hoje esmagados.

O meu cálice e a minha patena são as funduras de uma alma largamente aberta a todas as forças que, dentro de um instante, se elevarão de todos os pontos do Globo e convergirão a caminho do Espírito. — Venham, pois, a mim a recordação e a presença mística daqueles que a luz desperta para uma nova jornada!

Um a um, Senhor, que eu os veja e os ame, aqueles que me destes como arrimo e encanto naturais da minha existência. Um a um, também, quero contá-los, aos membros dessa outra e tão querida família que, pouco a pouco, à minha volta, foram reunidos a partir dos elementos mais díspares pelas afinidades do coração, da investigação científica e do pensamento. Mais confusamente, mas todos sem excepção, evoco ainda aqueles cuja concentração anónima forma a massa inumerável dos seres vivos: os que me rodeiam e me apoiam sem que eu os conheça; os que chegam e os que partem; aqueles sobretudo que, na verdade ou através do erro, à sua mesa de trabalho, no seu laboratório ou na fábrica, acreditam no progresso das Coisas, e hoje apaixonadamente correrão atrás da luz.

Esta multiplicidade agitada, toldada ou distinta, cuja imensidão nos assombra, este Oceano Humano cujas oscilações lentas e monótonas lançam a perturbação nos corações mais crentes — quero que neste momento o meu ser ressoe do seu murmúrio profundo. Tudo o que aumentará no Mundo, ao longo deste dia, tudo o que diminuirá — tudo o que morrerá, igualmente —, eis, Senhor, o que me esforço por recolher em mim para Vo-lo estender; eis a matéria do meu sacrifício, o único de que tendes vontade.

Outrora, eram trazidas ao vosso templo as premissas das colheitas e a flor dos rebanhos. A oferenda que verdadeiramente esperais, aquela de que misteriosamente necessitais a cada dia para apaziguar a vossa fome, para estancar a vossa sede, é nada menos do que o crescimento do Mundo arrebatado pelo devir universal.

Recebei, Senhor, esta Hóstia total que a Criação, movida pelo Vosso apelo, Vos apresenta na nova aurora. Este pão do nosso esforço não é, por si próprio, bem o sei, mais do que uma imensa desagregação. Este vinho da nossa dor não é ainda, por desgraça, mais do que uma bebida dissolvente. Mas, no fundo desta massa informe, Vós pusestes — tenho a certeza, porque o sinto — um desejo irresistível e santificador que nos faz gritar a todos, do ímpio ao fiel: «Senhor, fazei-nos um!»

Porque, à falta do zelo espiritual e da sublime pureza dos Vossos Santos, Vós me destes, ó meu Deus, uma simpatia irresistível por tudo o que se move na matéria obscura — porque, irremediavelmente reconheço em mim, bem mais do que um filho do Céu, um filho da Terra —, subirei, esta manhã, em pensamento, aos altos lugares, carregado com as esperanças e as misérias da minha mãe; e daí — com a força de um sacerdócio que só Vós, como creio, me destes —, sobre tudo o que, na Carne Humana, se prepara para nascer ou perecer sob o Sol que se ergue, invocarei o Fogo.

## O FOGO POR CIMA DO MUNDO

O Fogo — somos dominados pela ilusão tenaz de que este princípio do ser vem das profundezas da Terra, e de que a sua chama se acende progressivamente ao longo da brilhante esteira da Vida. Vós fizestes-me a graça, Senhor, de compreender que tal visão era falsa, e que, para Vos entrever, eu teria de contrariá-la. No começo, havia a força inteligente, amante e activa. No começo, havia o Verbo soberanamente capaz de submeter e amassar toda a Matéria por nascer. No começo, não havia o frio nem as trevas; havia o Fogo. Tal é a Verdade.

Assim, pois, muito longe de ser da nossa noite que gradualmente jorra a luz, é a luz anterior que, paciente e infalivelmente, elimina as nossas sombras. Nós, criaturas, somos, por nós, o Escuro e o Vazio. Vós sois, meu Deus, o próprio fundo e a estabilidade do Meio Eterno, sem duração nem espaço, onde, gradualmente, o nosso Universo emerge e se completa, perdendo os limites que no-lo faziam parecer tão grande. Tudo é ser, só há ser em toda a parte, fora da fragmentação das criaturas e da oposição dos seus átomos.

Espírito ardente, Fogo fundamental e pessoal, Termo real de uma união mil vezes mais bela e desejável do que a fusão destruidora imaginada por qualquer panteísmo, dignai-Vos, uma vez mais, descer, para lhe dar uma alma, sobre esta frágil película de matéria nova com que se vai, hoje, envolver o Mundo.

Eu sei. Não está ao nosso alcance ditar, ou antecipar sequer, o mínimo dos Vossos gestos. Vossas, todas as iniciativas, a começar pela da minha oração.

Verbo cintilante, Força ardente, Vós que amassais o Múltiplo para lhe insuflar a vossa vida, baixai, rogo-Vos, sobre nós as Vossas mãos poderosas, as Vossas mãos protectoras, as Vossas mãos omnipresentes, essas mãos que não tocam nem aqui, nem ali (como faria uma mão humana), mas que, misturadas à profundidade e à universalidade presente e passada das Coisas, nos atingem simultaneamente através de tudo o que há de mais vasto e de mais interior, em nós e em redor de nós.

Com essas mãos invencíveis, preparai, por uma adaptação suprema, para a grande obra que meditais, o esforço terrestre cuja totalidade, neste momento, concentrada no meu coração, Vos apresento. Remodelai este esforço, rectificai-o, refundi-o nas suas origens, Vós que sabeis porque é impossível que a criatura nasça de outro modo que não seja sustentada pelo caule de uma evolução interminável.

E agora, pronunciai sobre ele, pela minha boca, a palavra dupla e eficaz, sem a qual tudo oscila, tudo se desliga, na nossa sabedoria e na nossa experiência, com a qual tudo se reúne e tudo se consolida a perder de vista nas nossas especulações e na nossa prática do Universo. Sobre toda a vida que vai germinar, crescer, florir e amadurecer neste dia de hoje, repeti: «Este é o meu corpo.» E, sobre toda a morte que se prepara para corroer, para pisar, para cortar, ordenai (mistério de fé por excelência!): «Este é o Meu sangue!»<sup>2</sup>.

## O FOGO NO MUNDO

Aconteceu.

O Fogo, uma vez mais, penetrou a Terra.

Não caiu fragorosamente sobre os cumes, como o relâmpago no seu fulgor. Forçará o Mestre as portas para entrar em sua casa?

Sem abalo, sem trovões, a chama tudo iluminou pelo lado de dentro: Do coração do mais pequeno átomo à energia das leis mais universais, invadiu de maneira tão natural, individualmente e no seu conjunto, cada elemento, cada mola, cada ligação do nosso Cosmos, que este, quase poderíamos julgá-lo, como que espontaneamente se inflamou.

Na nova Humanidade que hoje se engendra, o Verbo prolongou o acto sem fim do seu nascimento; e, pela virtude da sua imersão no seio do Mundo, as grandes águas da Matéria, sem um frémito, carregaram-se de vida. Nada estremeceu, aparentemente, sequer sob a transformação inefável. E contudo, misteriosa e realmente, ao contacto da Palavra substancial, o Universo, imensa Hóstia, fez-se Carne. Toda a matéria passou a ser encarnada doravante, meu Deus, por meio da Vossa Encarnação.

O Universo: de há muito os nossos pensamentos e as nossas experiências humanas nele haviam reconhecido essas estranhas propriedades que tão semelhante o fazem a

---

<sup>2</sup> Como se adverte na *Introdução*, o Autor não confunde a Transubstanciação propriamente dita com a presença universal do Verbo. Como *O Sacerdote* deixa explícito: «A Transubstanciação aureola-se de uma divinização real, embora atenuada, de todo o Universo.» – A partir do elemento cósmico em que, pela Encarnação, se inseriu e onde eucaristicamente reside, «o Verbo age de modo a subjugar e a assimilar em si tudo o mais» (N. D. E.).

uma Carne...

Como a Carne, o Universo decompõe-se e escapa-nos sob o trabalho das nossas análises, das nossas degradações, e da sua própria duração. Como a Carne, só se deixa enlaçar deveras no esforço sem fim visando atingi-lo sempre para além do que nos é dado.

Esta mistura perturbante de proximidade e de distância, todos a sentimos, Senhor, ao nascer. E não há, na herança de dor e de esperança que as épocas transmitem umas às outras, não há nostalgia mais desolada do que aquela que faz o Homem chorar de irritação e de desejo no seio da Presença que flutua implacável e anónima, em todas as coisas, à sua volta: «Si forte attractem eum.»

Agora, Senhor, pela Consagração do Mundo, a claridade e o perfume que flutuam no Universo tomam para mim corpo e rosto em Vós. O que o meu pensamento hesitante entrevia, o que o meu coração reclamava por meio de um desejo inverosímil, eis que magnificamente mo dais: que as criaturas sejam não só de tal modo solidárias entre si que nenhuma possa existir sem todas as outras para a rodearem — mas que estejam de tal modo suspensas de um mesmo centro real que é uma verdadeira Vida, sofrida em comum, o que lhes dá, em última análise, a sua consistência e a sua união.

Fazei desabrochar, meu Deus, pela audácia da Vossa Revelação, a timidez de um pensamento pueril que não ouse conceber nada mais vasto, nem mais vivo, no mundo do que a miserável perfeição do nosso organismo humano! No caminho de uma compreensão mais ousada do Universo, os filhos do século ultrapassam todos os dias os mestres de Israel. Vós, Senhor Jesus, «em quem todas as coisas encontram a sua consistência», revelai-Vos enfim aos que Vos amam, como a Alma superior e o Núcleo físico da Criação. Nisso se joga a nossa vida, não o vedes? Se, pelo meu lado, não pudesse acreditar que a Vossa Presença real anima, flexibiliza, reconforta a mais pequena das energias que me penetram ou me roçam, acaso não morreria eu, transido de frio, na medula do meu ser?

Agradeço-Vos, meu Deus, por terdes, de mil maneiras, conduzido o meu olhar, levando-o a descobrir a simplicidade imensa das Coisas! Pouco a pouco, sob o desenvolvimento irresistível das aspirações que depusestes em mim quando eu era ainda criança, sob a influência de amigos excepcionais que apareceram no momento exacto no meu caminho para iluminar e fortalecer o meu espírito, sob o efeito do despertar de iniciações terríveis e cheias de doçura cujos círculos me fizestes transpor uns a seguir aos outros, acabei por nada ser capaz de ver ou respirar fora do meio onde tudo é apenas Um.

Neste momento em que a Vossa Vida acaba de entrar, com um vigor acrescido, no Sacramento do Mundo, saborearei, com uma consciência acrescida, a embriaguez calma e forte de uma visão cujas coerência e harmonias não consigo esgotar.

O que experimento, diante e dentro do Mundo assimilado pela Vossa Carne, transformado em Vossa Carne, meu Deus, não é nem a absorção do monista ávido de se fundir na unidade das coisas, nem a emoção do pagão prostrado aos pés de uma divindade tangível, nem o abandono passivo do quietista sacudido ao sabor das energias místicas.

Tomando destas diversas correntes qualquer coisa da sua força sem me agarrar a nenhum escolho, a atitude em que me fixa a Vossa Presença universal é uma síntese admirável onde se misturam, corrigindo-se, três das mais temíveis paixões que alguma vez podem confundir um coração humano.

Como o monista, mergulho na Unidade total, mas a Unidade que me recebe é tão perfeita que nela sei achar, perdendo-me, a conclusão última da minha individualidade.

Como o pagão, adoro um Deus palpável. Chego a tocá-lo, esse Deus, em toda a superfície e toda a profundidade do Mundo da Matéria em que me encontro tomado. Mas, para o captar como quereria (para simplesmente continuar a tocá-lo), preciso de ir sempre mais longe, através e para lá de toda a apreensão — sem jamais poder repousar em nada —, a cada instante transportado pelas criaturas e ultrapassando-as a cada instante — num acolhimento contínuo e num contínuo desprendimento.

Como o quietista, deixo-me embalar, deliciado, pela Fantasia divina. Mas, ao mesmo tempo, sei que a Vontade divina só me será, a cada momento, revelada no limite do meu esforço. Só tocarei Deus na Matéria, como Jacob, quando tiver sido vencido por ele.

Assim, porque me apareceu o Objecto definitivo, total, segundo o qual se dispõe a minha natureza, as potências do meu ser começam a vibrar espontaneamente seguindo uma Nota Única, incrivelmente rica, em que distingo, unidas sem esforço, as tendências mais opostas: a exaltação de agir e a alegria de suportar; a volúpia de me conter e a febre de ultrapassar; o orgulho de crescer e a felicidade de desaparecer no que é maior do que eu.

Enriquecido pela seiva do Mundo, ascendo na direcção do Espírito que me sorri para além de toda a conquista, envolvido pelo esplendor concreto do Universo. E não saberia dizer, perdido no mistério da carne divina, qual das duas beatitudes é mais radiosa: ter encontrado o Verbo para dominar a Matéria, ou possuir a Matéria para alcançar e suportar a luz de Deus.

Fazei, Senhor, com que, para mim, a Vossa descida ao interior das Espécies universais não só seja querida e acariciada como o fruto de uma especulação filosófica, mas se torne para mim uma verdadeira Presença real. Em potência e por direito, queiramo-lo ou não, Vós encarnastes no Mundo, e nós vivemos suspensos de Vós. Mas, no fundo, muito falta (falta tanto!) ainda para que Vós Vos torneis igualmente próximo. Transportados, todos juntos, no seio de um mesmo Mundo, formamos todavia, cada um de nós, o nosso pequeno Universo onde a Encarnação se opera independentemente, com uma intensidade e matizes incomunicáveis. E é por isso que, na nossa oração sobre o altar, pedimos que se faça *para nós* a consagração: «Ut nobis Corpus et Sanguis fiat». Se creio firmemente que tudo, à minha volta, é o Corpo e o Sangue do Verbo<sup>3</sup>, então para mim (e em certo sentido só para mim), produz--se a maravilhosa «Diafania» que faz transparecer objectivamente na profundidade de todo o facto e de todo o elemento o calor luminoso de uma mesma Vida. Se a minha fé por desgraça afrouxa, logo a luz se apaga, tudo se torna obscuro, tudo se decompõe.

No dia que começa, Senhor, acabais de descer até nós. Mas, ai, para os acontecimentos que se preparam, e por que passaremos todos, que infinita diversidade nos graus da Vossa Presença! Nas mesmas circunstâncias, exactamente, que se aprestam para me envolver e envolver os meus irmãos, podeis ser um pouco, muito, cada vez mais, ou nada.

Para que nenhum veneno hoje me afecte, para que nenhuma morte me mate, para que nenhum vinho me embriague, para que em toda a criatura eu Vos descubra e Vos sinta, Senhor, fazei com que eu acredite!

## COMUNHÃO

Se o Fogo desceu ao coração do Mundo, foi por fim para me tomar e me absorver. A partir de então, não basta que eu o contemple e que, por uma fé preservada, intensifique sem parar à minha volta o seu ardor. É preciso que, depois de ter cooperado, com todas as minhas forças, na Consagração que o faz jorrar, consinta enfim na Comunhão que lhe dará, na minha pessoa, o alimento que ele veio por fim buscar.

Prostro-me, meu Deus, diante da Vossa Presença no Universo volvido ardente e, sob os traços de tudo o que eu encontrar, e de tudo o que me acontecer, e de tudo o que realizar no dia de hoje, desejo-Vos e espero-Vos.

É terrível termos nascido, quer dizer, sermos irrevogavelmente levados, sem o termos querido, por uma torrente formidável de energia que parece querer destruir tudo o que consigo arrasta.

Eu quero, meu Deus, que por meio de uma inversão de forças de que só Vós podeis ser autor, o pavor que me toma diante das alterações sem nome que se preparam para renovar o meu ser se mude numa alegria transbordante de ser transformado em Vós.

Sem hesitar, primeiro, estenderei a mão para o pão escaldante que me apresentais. Nesse pão, onde encerrastes o germe de todo o desenvolvimento, reconheço o princípio e o segredo do futuro que me reservais. Tomá-lo é entregar-me, eu sei, às potências que dolorosamente me arrancarão a mim próprio para me impelirem para o perigo, para o

---

<sup>3</sup> «... Pelo contacto físico e dominador d' Aquele cujo apanágio é poder 'omnia sibi subijcere'», *Le Milieu Divin*, p. 152. (N. D. E.).

trabalho, para a renovação contínua das ideias, para o austero desprendimento nas afeições. Comê-lo é contrair, pelo que em tudo está acima de tudo, um gosto e uma afinidade que me tornarão doravante impossíveis as alegrias em que se retemperava a minha vida. Senhor Jesus, aceito ser possuído por Vós, e levado pela inexprimível força do Vosso Corpo, a que ficarei ligado, para solidões às quais, sozinho, nunca ousaria subir. Instintivamente, como todo o homem, gostaria de armar aqui em baixo a minha tenda num cimo que escolhesse. Tenho medo, também, como todos os meus irmãos, do futuro demasiado misterioso e demasiado novo para que me empurra o tempo que passa. E depois pergunto a mim próprio, ansiando com eles, para onde irá a vida... Possa esta Comunhão do pão com o Cristo revestido das forças que dilatam o Mundo libertar-me da minha timidez e da minha despreocupação! Lanço-me, ó meu Deus, atendo-me à Vossa palavra, no turbilhão das lutas e das energias em que se desenvolverá o meu poder de captar e de experimentar a Vossa Sagrada Presença. Àquele que amar apaixonadamente Jesus oculto nas forças que fazem crescer a Terra, a Terra, matematicamente, levantá-lo-á nos seus braços gigantescos, e fá-lo-á contemplar o rosto de Deus.

Se o Vosso reino, meu Deus, fosse deste Mundo, bastaria, para Vos ter, que eu me confiasse às forças que nos fazem sofrer e morrer aumentando-nos de modo palpável, a nós ou ao que nos é mais querido do que nós próprios. Mas, porque o Termo em direcção ao qual a Terra se move está para além não só de cada coisa individual mas do conjunto das coisas —, porque o trabalho do Mundo consiste não em engendrar em si próprio uma qualquer realidade suprema, mas em consumir-se através da união num Ser pré-existente — acontece que, para alcançar o centro em chamas do Universo, não basta ao Homem viver cada vez mais para si próprio, nem mesmo entregar a sua vida a uma causa terrestre, por maior que esta seja. O Mundo só pode ir ao Vosso encontro, Senhor, através de uma espécie de inversão, de reviravolta, de ex-centração em que por um tempo se afunda, não só o êxito dos indivíduos, mas a própria aparência de qualquer benefício humano. Para que o meu ser seja decididamente anexado pelo Vosso, é preciso que morra em mim, não só a mónada, mas o Mundo, quer dizer, que eu atravesse a fase dilacerante de uma diminuição que nada de tangível virá compensar. É por isso que, recolhendo no cálice a amargura de todas as separações, de todas as limitações, de todas as decadências estéreis, Vós mo estendeis. «Bebei todos.»

Como recusaria eu este cálice, Senhor, agora que pelo pão que me fizestes provar se insinuou na medula do meu ser a paixão inextinguível de me juntar a Vós, mais longe do que a vida, atravessando a morte. A Consagração do Mundo permaneceria inacabada, há pouco ainda, se não tivésseis animado com a Vossa predilecção, para aqueles que acreditariam, as forças que matam, a seguir às que vivificam. A minha Comunhão estaria agora incompleta (não seria, muito simplesmente, cristã) se, com os suplementos que este novo dia me traz, eu não recebesse, em meu nome e em nome do Mundo, como a mais directa participação em Vós, o trabalho, surdo ou manifesto, de enfraquecimento, de velhice e de morte que incessantemente mina o Universo, para a sua salvação ou sua condenação. Abandono-me desmedidamente, ó meu Deus, às acções tremendas de dissolução através das quais se substituirá hoje, quero crer cegamente, à minha personalidade estreita a Vossa divina Presença. Àquele que tiver apaixonadamente amado Jesus oculto nas forças que fazem morrer a Terra, a Terra apertá-lo-á ao desfalecer nos seus braços de gigante, e ei-lo que, com ela, despertará no seio de Deus.

## ORAÇÃO

E agora, Jesus, que, velado pelas potências do Mundo, Vos tornastes fisicamente e em verdade tudo para mim, tudo à minha volta, tudo em mim, porei numa mesma aspiração a embriaguez do que possuo e a sede do que me falta, e repetir-vos-ei, na esteira do Vosso servidor, as palavras inflamadas onde cada vez mais exactamente se reconhecerá, segundo a minha fé inabalável, o Cristianismo de amanhã:

«Senhor, encerrai-me no mais profundo das entranhas do Vosso Coração. E, quando aí me tiverdes, queimai-me, purificai-me, inflamai-me, sublimai-me, até à satisfação

perfeita dos Vossos gostos, até ao mais completo aniquilamento de mim próprio.»

«Tu autem, Domine mi, include me in imis visceribus Cordis tui. Atque ibi me detine, excoque, expurga, accende, ignifac, sublima, ad purissimum Cordis tui gustum atque placitum, ad puram annihilationem meam.»

«Senhor.» Oh, sim, finalmente! Pelo duplo mistério da Consagração e da Comunhão universais, eis que descobri alguém a quem posso, de todo o coração, dar este nome! Enquanto não soube ou não ousei ver em Vós, Jesus, mais do que o homem de há dois mil anos, o Moralista sublime, o Amigo, o Irmão, o meu amor permaneceu tímido e embaraçado. Amigos, irmãos, sábios, não os teremos muito grandes, muito raros e mais próximos, à nossa volta? E, de resto, poderá o Homem dar-se plenamente a uma natureza simplesmente humana? Desde sempre que o Mundo acima de todo o Elemento do Mundo me tomou o coração, e nunca, diante de mais ninguém, eu me teria sinceramente curvado. Depois, por muito tempo, embora crendo, errei sem saber o que amava. Mas hoje que, pela manifestação dos poderes sobre-humanos que a Ressurreição Vos conferiu, transpareceis para mim, Mestre, através de todas as potências da Terra, reconheço-Vos como meu Soberano e a Vós me entrego deliciosamente.

Estranhos procedimentos os do Vosso Espírito, meu Deus! — Quando, há dois séculos, começou a fazer-se sentir, na Vossa Igreja, o apelo distintivo do Vosso Coração, pôde parecer que aquilo que seduzia as almas era a descoberta, em Vós, de um elemento mais determinado, mais circunscrito, do que a Vossa própria Humanidade. Ora, eis que hoje, inversão súbita, se torna evidente o modo como, através da «revelação» do Vosso Coração, quisestes sobretudo, Jesus, fornecer ao nosso amor o meio de escapar ao que havia de demasiado estreito, de demasiado preciso, de demasiado limitado, na imagem que fazíamos de Vós. No centro do Vosso peito, apenas vejo uma fornalha; e, quanto mais fixo esse núcleo ardente, mais me parece que, a toda a volta, se fundem os contornos do Vosso Corpo, que crescem para além de toda a medida até eu já não distinguir em Vós outros traços que não sejam os da figura de um Mundo inflamado.

Cristo glorioso; Influência secretamente difundida no seio da Matéria e Centro deslumbrante em que voltam a ligar-se as fibras inúmeras do Múltiplo; Potência implacável como o Mundo e quente como a Vida; Vós, cuja fronte é de neve, os olhos de fogo, os pés mais cintilantes do que o ouro em fusão; Vós, cujas mãos aprisionam as estrelas; Vós, que sois o primeiro e o último, o vivo, o morto e o ressuscitado; Vós, que reunis na Vossa unidade exuberante todos os encantos, todos os gostos, todas as forças, todos os estados; era para Vós que todo o meu ser apelava com um desejo tão vasto como o Universo: Vós sois verdadeiramente meu Senhor e meu Deus!

«Encerrai-me em Vós, Senhor» — Ah, eu creio (creio de tal modo que esta fé se tornou um dos suportes da minha vida íntima), trevas que Vos fossem absolutamente exteriores seriam um puro nada. Nada pode subsistir fora da Vossa Carne, Jesus, a tal ponto que mesmo aqueles que se vêem expulsos do Vosso amor continuam ainda a beneficiar, para sua desgraça, do suporte da Vossa presença. Estamos, todos nós, irremediavelmente em Vós, Meio universal de consistência e de vida! Mas justamente porque não somos coisas acabadas que possam ser indiferentemente concebidas como próximas ou afastadas de Vós, justamente porque em nós o sujeito da união cresce com a própria união que progressivamente nos dá a Vós, em nome do que há de mais essencial no meu ser, Senhor, ouvi o desejo desta coisa a que me atrevo a chamar a *minha* alma, embora, um pouco mais todos os dias, compreenda como ela é maior do que eu; e, para estancar a minha sede de existir — através das zonas sucessivas da Vossa Substância profunda —, até às camadas mais íntimas do centro do Vosso Coração, atraí-me a Vós!

Quanto mais profundamente sois encontrado, Mestre, mais universal a Vossa influência se descobre. Por este carácter, poderei apreciar, a cada instante quanto terei avançado em Vós. Quando, conservando todas as coisas à minha volta o seu sabor e os seus contornos, eu as vir contudo difundidas, por uma alma secreta, num Elemento único, infinitamente próximo e infinitamente distante —, quando, aprisionado na intimidade ciosa de um santuário divino, eu me sentir todavia errando livremente pelo céu de todas as criaturas, então saberei que me estou a aproximar do lugar central para onde converge o coração do Mundo no irradiar descendente do Coração de Deus.

Neste ponto de abrasamento universal, agi sobre mim, Senhor, pelo fogo conjunto de todas as acções interiores e exteriores que, sofridas menos perto de Vós, seriam neutras, equívocas ou hostis mas que, animadas por uma Energia «quae possit sibi omnia sub-jicere», se tornam, nas profundezas místicas do Vosso Coração, os anjos da Vossa operação vitoriosa. Por meio de uma combinação maravilhosa, com a Vossa atracção, do encanto das criaturas e da sua insuficiência, da sua doçura e da sua maldade, da sua fraqueza decepcionante e da sua força assustadora, exaltai e alternadamente desgostai o meu coração; ensinai-lhe a pureza verdadeira, a que não é uma separação amenizante das coisas, mas um impulso atravessando todas as belezas; revelai-lhe a caridade verdadeira, a que não é o medo estéril de fazer o mal, mas a vontade vigorosa de forçarmos, todos juntos, as portas da vida; dai-lhe, por fim, dai-lhe acima de tudo, por meio de uma grandiosa visão da Vossa onnipresença, a paixão venturosa de descobrir, de fazer e de suportar cada vez um pouco mais o Mundo, para cada vez mais, assim, penetrar em Vós.

Toda a minha alegria e o meu êxito, toda a minha razão de ser e o meu gosto de viver, meu Deus, se encontram suspensos desta visão fundamental da Vossa conjunção com o universo. Que outros anunciem, segundo a sua função mais alta, os esplendores do Vosso puro Espírito! Por mim, dominado por uma vocação que se liga às fibras mais extremas da minha natureza, não quero, nem posso dizer outra coisa senão os inumeráveis prolongamentos do Vosso Ser encarnado através da Matéria; nunca seria capaz de pregar senão o mistério da Vossa Carne, o Alma que transpareceis em tudo o que nos rodeia!

Ao Vosso Corpo em toda a sua extensão, quer dizer, ao Mundo transformado, pela Vossa força e pela minha fé, no cadinho magnífico e vivo onde tudo desaparece para renascer — por todos os recursos que fez brotar em mim a Vossa atracção criadora, pela minha ciência demasiado fraca, pelos meus laços religiosos, pelo meu sacerdócio, e (acima de tudo, no meu apelo) pelo fundo da minha convicção humana —, eis que me voto para dele viver e dele morrer, Jesus.

Ordos, 1923<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Texto extraído do volume “Hino do Universo”, Teilhard de Chardin, Ed. Notícias, Lisboa, 1996